

1 Artur Zacarias perde alguns concertos, mas prefere continuar sem perfil no Facebook.

2 João Pedro Raimundo diz que a informação lhe chega na mesma, já filtrada por quem o rodeia.



Viver sem F

Exceções Joana desativou a conta. João Pedro e Artu

Carina Fonseca
cultura@jn.pt

● “Não entendo como é que o comum mortal, com a sua vida normal, precisa de contar o que fez de manhã à noite”, diz Joana Montenegro, que teve conta no Facebook até setembro do ano passado. Muito zelosa da sua vida privada, começou a sentir-se incomodada com a exposição dos outros e decidiu desativá-la. A advogada, de 31 anos, quase não alimentava a página, “só ia [ao Facebook] coscuvilhar”, reconhece. “Fazia-me perder tempo e tirava o pior que havia em mim. Por exemplo: por que é que esta pessoa pôs esta frase aqui? Detesto frases feitas! Ou: para de fotografar os teus pés!”, conta, por telefone, a partir do Porto.

Artur Zacarias, designer de 32 anos, nunca quis sequer ter perfil no Facebook. Falta-lhe “paciência” para estar num lugar onde, “sem querer”, sabe da vida de toda a

gente: “Acho que o Facebook é um ‘reality show’. É a mesma coisa que teres a televisão ligada todo o dia na ‘Casa dos segredos’, a debitar a vida das outras pessoas”. Falamos em Coimbra, nas instalações da Bolt. A agência de publicidade, sua e da mulher, tem página no Facebook (gerida por ela). É uma rede social que “realmente impulsiona os negócios”, sabe disso. Em suma: “Há vantagens em estar lá, mas desvantagens que cheguem para eu não querer estar”.

Estranheza e desconfiança

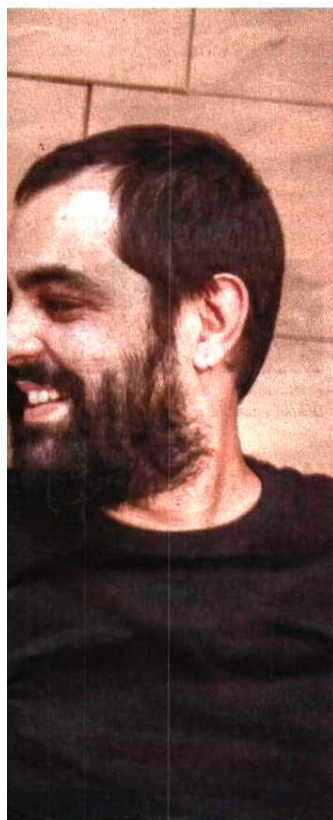
João Pedro Raimundo, de 32 anos, teve página no Hi5 e o Facebook surgiu numa altura em que já começava a fartar-se da ideia de rede social em si. “Acabas por fazer ligações com pessoas que te dizem muito pouco. Achei que o conceito era o mesmo. Não me pareceu útil”, explica ao JN. Programador de aplicações para smartphones no Porto, passa muitas horas ligado à Internet

Rede de uso fácil e intergeracional
 ● O Facebook "é uma rede de uso fácil que tem sabido renovar-se", apesar de muitos lhe terem decretado a morte, diz o sociólogo Paulo Peixoto. Continua a ter sucesso e é intergeracional: reúne pessoas de todas as idades, homens e mulheres.

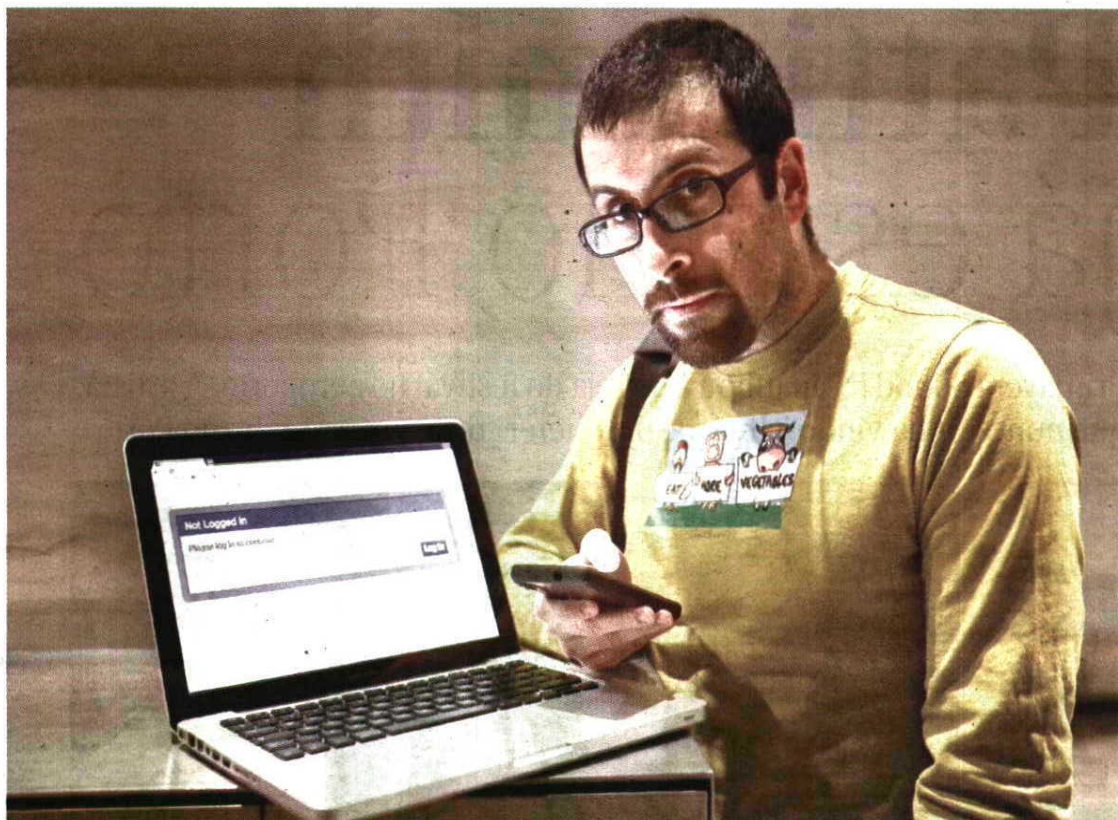
Um palco onde as pessoas se representam
 ● Paulo Peixoto não duvida: "O Facebook é um palco onde as pessoas se representam". Estas tendem a registar lá os momentos de glória e prazer e aquilo que mais as orgulha. "Presta-se muito a ser um somatório desses momentos, ainda que sejam poucos", nota.



Reconhecimento e autoestima
 ● Quando a pessoa coloca algo no Facebook, tem a expectativa de que os amigos "estejam sempre ligados e reajam gostando", refere Paulo Peixoto. "É uma rede social muito vocacionada para promover o sentimento de reconhecimento e valorização da autoestima".



FERNANDO ENITES / GUSTAVO AMARAL



RODOLFO GARRAMERES / GUSTAVO AMARAL

Facebook: eles gostam

...nunca criaram uma. Têm pouco mais de 30 anos e nada contra as tecnologias – pelo contrário

e integra outras redes sociais: o Vivino (para apreciadores de vinho), o LinkedIn e o Google+ (por razões profissionais). O facto de não estar no Facebook costuma gerar especial estranheza, dada a sua profissão.

"Não ter Facebook hoje é atípico", afirma Paulo Peixoto, investigador do Centro de Estudos Sociais e professor de Sociologia na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Também ele decidiu não criar um perfil pessoal nesta rede, que conhece como utilizador, pois administra páginas institucionais. É "uma pessoa reservada" e não tem esse "desejo da instantaneidade" que "nos leva muitas vezes a dizer o que não queremos e não devemos", revela. Há quem encare isso com desconfiança, ao ponto de achar que usa um perfil falso.

"O Facebook acaba por ser uma rede de massas", mas algumas pessoas preferem não aderir ou limitam a sua utilização, preocupadas com a privacidade e com o



"A rede social é muito vocacionada para promover o reconhecimento e a valorização da autoestima", diz o sociólogo Paulo Peixoto



tempo que lhes toma, afirma Paulo Peixoto ao IN.

Ceder ou não ceder, eis a questão
 Na faculdade, uns amigos de João Pedro chegaram a criar o grupo "Queremos o Raimundo no Facebook". Partilharam-no com familiares seus, outros amigos e a namorada. Sem êxito. "Não cedi. Não sinto necessidade de me expor. Sou uma pessoa de bastidores", refere. As informações chegam-lhe na mesma, filtradas por quem o rodeia.

Já Artur Zacarias assume que, por não estar "onde está toda a gente", fica "um bocado excluído". Desconhece os eventos que vão acontecendo em redor. "Muita gente me diz: 'não sabes dos concertos? Se tivesses Facebook, sabias. Cria um perfil!' Sinceramente, não me apetece", atira, com naturalidade.

Joana Montenegro, por seu lado, garante não ter perdido nada ao deixar aquela rede

social. Fala com os amigos ao vivo ou por telefone e continuam a dar-lhe os parabéns no aniversário. Está no Instagram e no Pinterest (para ver imagens interessantes), bem como no LinkedIn (por motivos profissionais). Teve "uma recaída automática" após ter saído do Facebook, mas agora está "limpa", assegura. As suas palavras remetem para a ideia de adição, e em alguns países chegou a ser criado tratamento psicológico e clínico para adictos ao Facebook, recorda Paulo Peixoto.

Para o sociólogo, isto tem muito a ver com a dependência que hoje se cria em relação às tecnologias portáteis, a necessidade de as pessoas se sentirem ligadas em todo o lado. Até estão a substituir o relógio e a máquina fotográfica pelo telemóvel, e ficar sem bateria causa grande irritação, observa. Resultado: "Esta incorporação de várias funções na portabilidade e na instantaneidade acaba por criar dependência". ●